

Clarice Lispector, Universo Feminino e o Jornalismo Literário: crônicas que formam e informam¹

Daniela Vitor FERREIRA²
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, SP

Resumo

A maior aproximação de Clarice Lispector (1960 – 1977) com seus leitores, principalmente o público feminino, por meio das crônicas produzidas para o jornal *Correio da Manhã* (RJ), de 1959 a 1961, sob o pseudônimo de Helen Palmer, bem como a linguagem e os recursos estilísticos utilizados, sob a ótica da temática do universo feminino, para informar e entreter o público, representam o objeto de estudo deste trabalho. Se por um lado os cronistas informam o leitor a respeito da essência de acontecimentos cotidianos que, muitas vezes, passam despercebidos pelos jornalistas, por outro, estes também utilizam dos recursos estilísticos da Literatura no denominado Jornalismo Literário. A linguagem da crônica associada ao *new journalism*, permite ao leitor, segundo a teoria literária, adquirir recursos não só informativos, mas também estilísticos para leitura crítica do mundo.

Palavras-chave: Literatura, Crônica, Jornalismo Literário, Universo Feminino, Clarice Lispector.

1. Clarice Lispector e a Literatura

A abordagem do conceito atual de Jornalismo Literário nos permite um apontamento severo quanto a possibilidade de separação entre os termos. Um remete ao outro a sonoridade de importância única em serem utilizados juntos, de forma que a consonância dos significados leve ao leitor o que há de melhor para que se entenda o universo ficcional e espelho da realidade, numa sintonia tamanha que dificilmente se distingue um do outro. O bom Jornalismo Literário leva essa dúvida de separação entre os termos, já que as importâncias de Literatura e de Jornalismo caminham lado a lado na informação reflexiva e abusiva de caracteres especiais de formação de uma leitura crítica íntegra e sem rasuras.

Clarice sabia como ninguém argumentar o cotidiano dentro da Literatura, apesar de nunca se achar suficientemente relevante para isso e de também não ter tido o devido

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo, GP Gêneros Jornalísticos, do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Divulgação Científica e Cultural, Laboratório de Jornalismo (Labjor), Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, e-mail: danielavf2@gmail.com. Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças Conde Caldas.

reconhecimento como cronista, era excepcional a forma como tratava os acontecimentos corriqueiros de ordem prática e os transformava em grandes espetáculos da Literatura.

Houve uma época em que a profissionalização dos jornais afastou a linguagem literária do dia a dia dos jornais. Nesse tempo, os escritores procuraram revistas, onde pudessem ter liberdade de escrita e valorização de seu trabalho.

A crônica presente nos jornais foi o que trouxe de volta os escritores e a Literatura para perto do Jornalismo.

O Jornalismo Literário é um gênero marcado pela tensão daquilo que não pode ser escrito nem como Literatura, que tem por características a estética e o lirismo; nem como Jornalismo, que tem por características principais a objetividade e clareza. A mistura original e ousada tem, entretanto, a mesma base: a linguagem. A verossimilhança também é um ponto em comum, já que este gênero se alimenta de ficção e realidade.

Além do conceito do gênero, este trabalho pretende analisar as características da escritora Clarice Lispector, seu perfil como cronista, bem como os possíveis impactos de sua escrita e o universo feminino como um todo, na visão de Clarice e na época em que as crônicas foram escritas. As obras de Clarice, consideradas difíceis por muitos, começaram a ganhar maior visibilidade a partir das publicações de suas crônicas nos jornais diários. Seus textos adquiriram novos formatos, característicos do gênero, facilitando o entendimento de sua obra, por meio de uma linguagem clara, que entusiasmava os leitores, em especial o público feminino. É importante ressaltar que os textos tratavam, aparentemente, de temas fúteis e rasos, mas essa era apenas uma estratégia de aproximação da autora, com seu público-alvo, a fim de levar reflexões mais profundas a respeito da realidade existente e das possibilidades de mudanças e novos paradigmas.

O pseudônimo que Clarice utilizou, para a publicação das crônicas selecionadas, e também para outras publicações durante algum tempo como jornalista, também será analisado para considerar tais impactos. Para esta análise serão consideradas vida e obra da escritora, seu estilo de escrita, bem como sua característica mais marcante: a atemporalidade.

O Jornal Correio da Manhã

O jornal Correio da Manhã teve início no ano de 1901, no centro da cidade do Rio de Janeiro, num momento em que o Brasil ainda colhia as consequências, na economia, da Guerra de Canudos, abolição da escravidão e Proclamação da República.

Era justamente um momento em que a imprensa brasileira estava ampliando seu domínio e, mesmo assim, ainda era acusada de servir ao governo e não às notícias. Exatamente por isso que, Edmundo Bittencourt, colocou no primeiro editorial, intitulado como “Compromisso com a verdade/Um jornal de opinião”, os seguintes dizeres:

“Poucas palavras e muita sinceridade, porque desta coluna estamos escrevendo para o povo. O Correio da Manhã não tem, nem terá jamais ligação alguma com partidos políticos. (...) jornal que propõe, e quer deveras defender a causa do povo, do comércio e da lavoura, entre nós, não pode ser um jornal neutro. Há de, forçosamente, ser um jornal de opinião, e, neste sentido, uma folha política. (...) Mas desta política, desapaixonada e nobre, só uma imprensa francamente independente pode se ocupar. 14 Cadernos da Comunicação (...) O povo está cansado, o povo sente que lhe ocultam a verdade, e que transformam até seus clamores em uma antífona sacrílega de aplausos. O povo quer a verdade, ele compreende que só ela salva e redime, embora às vezes fira. E hoje, mágoa é dizê-lo, todo o programa de um jornal, sincero e independente, pelo qual o povo anela, se pode resumir nestas palavras: dizer a verdade. É para dizê-la que aqui estamos.”

As personalidades do jornalismo daquela época eram as mesmas personalidades mais conhecidas da política e da literatura. Entretanto, esse não foi o caso de Clarice Lispector, que apesar de conhecida, utilizou o pseudônimo de Helen Palmer para assinar suas crônicas, devido ao quadro de subjulgamento a que era submetido a mulher naquela época.

Desta forma, a coluna de Helen Palmer era publicada no segundo caderno do jornal *Correio da Manhã*, seção *Correio Feminino*, sempre às quartas e sextas-feiras, no período de agosto de 1959 a fevereiro de 1961, o que totalizou 128 edições elaboradas por Clarice Lispector.

3. O gênero Crônica e o Jornalismo Literário

A palavra *crônica*, do grego *khronikós*, derivado de *khrónos* (tempo), segundo MOISÉS (1967), “designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em ordem cronológica.

A partir do século XIX, a crônica passa a ter sentido literário e é adotada pelos jornais.

No Brasil, a crônica começou por volta de 1819, com Machado de Assis, Alencar, dentre outros, mas teve larga aceitação entre 1900 e 1920, com João do Rio, Rubem Braga e

outros. Já na década de 30, destaque para os cronistas Raquel de Queirós, Carlos Dummond de Andrade, Henrique Pongetti, Paulo Mendes Campos, Luís Fernando Veríssimo.

É fato que a crônica trata de assuntos do cotidiano, tendo diferentes formas de linguagem e abordagens sobre os mais distintos assuntos.

“Identificada pela irredutível dualidade, de que extrai defeitos e qualidades, a crônica move-se entre ser no e para o jornal, uma vez que se destina, inicial e precipuamente, a ser lida na folha diária ou revista.” (Moisés, 1967).

Para Campos (1966), “a crônica nasceu no jornal e para o jornal”. Isso porque o gênero crônica difere substancialmente do gênero jornalístico, no que diz respeito ao objetivo. Enquanto um pretende formar por meio de assuntos cotidianos, não necessariamente atuais, muitas vezes de forma reflexiva e subjetiva; o outro pretende informar justamente pelos assuntos atuais, de forma objetiva. Entretanto, vale ressaltar que o conceito de crônica oscila entre reportagem e literatura, fazendo, portanto, parte do chamado Jornalismo Literário. Aliás, a dualidade entre os conceitos remete à reflexões mais profundas sobre a estilística desses gêneros e seus incríveis entrelaçamentos. A crônica pode ter tom de reportagem, como a reportagem pode ter tom de crônica.

Sobre as características da crônica, pode-se dizer que quando não parece reportagem ou conto, bem como quando se torna um artigo doutrinário ou nota simples, a crônica apresenta certas especificidades muito interessantes. A primeira delas é que a crônica possui brevidade, ou seja, de forma geral, é um texto curto. A segunda, e talvez a essencial, está relacionada à subjetividade. Normalmente, a crônica tem impressa em si a percepção do autor, o que leva a uma diálogo subjetivo extremamente franco com o leitor, sempre convidado à participar do mundo proposto pelo conteúdo, ou seja, pode-se dizer que existe monólogo e diálogo, ao mesmo tempo, na crônica, o que ressalta seu caráter dicotômico.

Quanto à linguagem, pode-se dizer que esse estilo que contém monólogo e diálogo ao mesmo tempo, confere um hibridismo jornalístico, espontâneo, direto, livre, de rápida compreensão, que nem por isso deixa de utilizar os mais rebuscados recursos estilísticos para contracenar com as ideias descritas.

A “crônica repousa exclusivamente no estilo” (Martins, 1966) e a partir disso é possível compreender a forma como as crônicas tem impressas em si o estilo de seus autores.

Justamente neste contexto, da crônica no Jornalismo Literário, Clarice Lispector tem especial destaque por seu estilo totalmente original, subjetivo, sempre com muitas

especificidades ocultas e óbvias ao mesmo tempo. A respeito das crônicas referentes ao universo feminino, escritas por Clarice no jornal *Correio da Manhã*, pode-se dizer que representam um dos melhores exemplos acerca de seu estilo de escrita. Os textos pareciam tratar de temas superficiais, mas eram, na verdade, uma forma muito única de evidenciar o subjulgamento da mulher na década de 1960, utilizando, para isso, alguns recursos estilísticos interessantes como metáfora, ironia, hipérbole, anáfora, dentre outros.

4. A Crônica e os Gêneros Jornalísticos.

Quanto aos gêneros jornalísticos, muitos estudiosos categorizaram a Crônica como Jornalismo Opinativo, assim como o editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura e carta. Essa classificação é realizada devido ao caráter de expressão de pensamento, uma opinião sobre fatos. Além disso, a estrutura da mensagem também apresenta duas características jornalísticas: a de autoria, que emite opinião; e a de angulação, que é a perspectiva que dá sentido à opinião. Entretanto, quando se trata de crônica, esses comentários são questionáveis.

O objetivo do cronista vai muito além de emitir uma opinião, no momento em que ele dá uma autonomia estética ao texto, que permite ao leitor distintos discursos e leituras. Ao agir desta forma, o autor transforma o leitor em agente, pois lhe atribui a capacidade de desmitificar a mensagem, por meio da análise de seus diferentes significados.

Desta forma, a crônica fica aberta a representar, da poesia cotidiana simplesmente ao sentimentos do autor a respeito desse cotidiano; onde a opinião é uma das características apenas.

As funções de linguagem e os recursos estilísticos se entrelaçam e dificultam a classificação exata desse tipo de narrativa. Além disso, vale lembrar que sua forte característica autônoma e a presença constante do sentido conotativo, contribuem significadamente para a dificuldade de classificação.

No Jornalismo, segundo Neiva (2009), as crônicas foram categorizadas como:

- a) Crônica geral: onde são abordados assuntos diversos.
- b) Crônica local: que aborda o cotidiano da cidade.
- c) Crônica especializada: que trata de assuntos relacionados a um campo específico de atividade.

A respeito dos temas, as crônicas acabam sendo classificadas como:

- a) Analítica: apresenta características de um ensaio científico.
- b) Sentimental: presença marcante de apelo ao sentimento e sensibilidade do leitor.
- c) Satírica-humorística: onde há crítica com objetivo de aviso ou entretenimento.

É importante ressaltar que apesar dessas classificações, as características das crônicas não permitem que seu conceito seja fechado. Servem, desta forma, para uma possível organização do gênero. Isso porque a grandeza e riqueza de recursos estéticos e estilísticos presentes na crônica, possibilita uma grata amplitude e flexibilidade de suas características.

Todo este contexto possibilita a crônica estar situada num terreno híbrido, transitório, entre a Literatura e o Jornalismo; o que permite que seja classificada tanto como gênero literário quanto gênero jornalístico.

Essa transitoriedade é absolutamente compatível com o estilo da autora Clarice Lispector, que tem também como forte característica a atemporalidade de sua escrita, bem como a intensidade como a marca pessoal mais relevante e misteriosa. Exatamente por esses marcantes traços, que Clarice teve em suas crônicas, em especial as voltadas ao universo feminino, grande notoriedade, espaço, aceitação e empatia com o público-alvo.

5. O Universo Feminino e as crônicas de Clarice: análise.

O universo feminino tem características muito relevantes, quando fala-se a respeito de seu contexto histórico e toda a evolução de seu conceito.

É evidente que a arte teve papel fundamental no contexto histórico do universo feminino. Num mundo onde as mulheres eram subjugadas e tinham função apenas de serem cuidadoras do lar, enquanto aos homens cabia o trabalho e todo o poder, dentro e fora de casa; pode-se dizer que foi a partir da arte que este quadro foi levado ao extremo, a ponto de não ter outra alternativa que não fosse mudar.

Em meados de 1920, algumas artistas começaram a ter notoriedade e reconhecimento, como, por exemplo, Sonia Delaunay e Natalia Goncharova, ambas russas. No Brasil, a Semana de Arte Moderna, de 1922, teve grande influência neste contexto, e exaltou nomes como Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, dentre outras.

O feminismo surgiu por volta de 1940, mas mesmo assim, ainda havia muitas amarras a serem desfeitas para a real liberdade e igualdade das mulheres.

No ocidente, o período de 1960 a 1970 foi de significativas mudanças para o universo feminino, de forma geral. Houve a emancipação sexual das mulheres e a afirmação de igualdade entre os sexos. Além disso, por volta de 1950, também foram divulgados o uso do anticoncepcional, do preservativo de látex e de antibióticos que tratavam doenças sexualmente transmissíveis. Na teoria, esse período de revolução sexual foi o marco para a igualdade de gêneros, bem como a construção de uma nova identidade social feminina.

Entretanto, observou-se um lento processo para desatar os laços que prendiam as mulheres ao seu contexto puramente doméstico.

Desta forma, em 1960, período em que Clarice Lispector escreveu crônicas para a seção *Correio Feminino*, do jornal *Correio da Manhã*, ainda era fortemente impregnado de machismo e subjulgamento da mulher. Dentro deste contexto, para evitar julgamentos e conflitos, e também para que suas ideias chegassem de fato ao público-alvo, Clarice, muitas vezes, utilizou-se de pseudônimos, como foi o caso de Helen Palmer para a coluna *Correio Feminino*.

Assim, Clarice publicou crônicas seguindo disfarçadamente os textos da imprensa feminina da época, sob forma de conselhos, receitas e segredos. Entretanto, seu estilo de escrita era justamente utilizar a subjetividade para levar o leitor, mulheres em sua maioria, a uma reflexão realmente profunda e significativa a respeito de assuntos aparentemente inocentes e superficiais. Seu estilo, mesclado com recursos estilísticos adequados (como ironia, metáfora, anáfora etc) eram perfeitos para iniciar as mulheres leitoras, seu público-alvo, numa possível revolução e transformação interna. Um de seus prováveis objetivos era o de que as mulheres, finalmente, descobrissem, seu real valor perante elas mesmas, a sociedade e o mundo; a fim de que não mais permitissem qualquer tipo de subjulgamento e imposição de limitações.

A crônica abaixo foi uma das escritas na coluna *Correio Feminino*, publicada em livro de mesmo nome, sob a organização de Nunes (2006), dentro do contexto explicitado acima:

Espelho Mágico

Não é só o espelho da madrasta de Branca de Neve que é mágico. A verdade é que todo espelho tem a mesma magia. Lembram-se da madrasta ruim? Ela pegava o espelho, provavelmente espelhinho de bolsa – e perguntava:

- Quem é mais bela do que eu?

E o espelho respondia. Como qualquer espelho. Não desanime pelo fato de qualquer espelho responder. As respostas não são ruins, são informativas. E de você mesma depende o uso das informações.

Só que a pergunta da rainha não cabe. E nem importa. Você não há de perguntar “quem é mais bela do que eu”. O melhor é perguntar ao espelho: “Como posso ficar mais bela do que eu?”.

Eis os ingredientes para um espelho mágico: 1) um espelho propriamente dito, de preferência daqueles que cabe corpo inteiro; 2) você mesma diante do espelho; 3) coragem.

Só porque falei em coragem, aposto que você está se preparando para a ideia de descobrir alguma coisa amendrontadora. Não é isso. Coragem para se ver, em vez de se imaginar. Só depois de se enxergar realmente, é que você poderá começar a se imaginar. E, sem mesmo sentir, começará algum plano secreto cujo objetivo é o de atingir o que você imaginou.

Mas lembre-se: a imaginação só nos serve quando baseada na realidade. Seu “material de trabalho” é a realidade a respeito de você mesma.

Não vou lhe dizer o que você deve fazer para melhorar a aparência. Não tenho a pretensão de ensinar peixe a nadar. E só uma coisa que você não sabe: você sabe nadar. Quero dizer, se você tiver confiança em você mesma, descobrirá que sabe muito mais do que pensa. Mas, de qualquer modo, estarei por aqui para ajudar você a não esquecer que sabe.

(LISPECTOR, 2006, p. 26)

Nesta crônica, é possível encontrar recursos estilísticos que permitem aos leitores uma maior aproximação com a autora, no momento em que suas realidades são congruentes e ímpares ao mesmo tempo. É possível notar forte presença de metáfora e ironia.

Aparentemente, a autora se refere à aparência externa da mulher, mas se utiliza de um estilo todo próprio, original e subjetivo para, em poucas palavras, dizer que a verdadeira beleza vem de dentro de cada uma.

Para uma breve, porém profunda explicação, pode-se utilizar da Análise do Discurso segundo Charadeau (2012), que avalia os atores, o contrato de comunicação, as circunstâncias do discurso e os contextos linguísticos e discursivos. Basicamente se resume em:

“A noção de *estratégia* repousa na hipótese de que o sujeito comunicante (EUc) concebe, organiza e encena suas intenções de forma a produzir determinados *efeitos* – de persuasão ou de sedução – sobre o sujeito interpretante (TUi), para levá-lo a se identificar – de modo consciente ou não – com o sujeito destinatário ideal (TUd) construído por EUc. Para fazê-lo, o EUc

poderá utilizar contratos de reconhecimento, como o que acabamos de definir, mas poderá também recorrer a outros procedimentos, que oscilam entre dois polos:

- a fabricação de uma *imagem de real* como lugar de uma verdade exterior ao sujeito que teria força de lei;
- a fabricação de uma *imagem de ficção* como lugar de identificação do sujeito como um outro, imagem esta que constitui um lugar de projeção do imaginário desse sujeito.”

(Charaudeau, 2012, p. 56 e 57)

A partir deste contexto, para breve análise da crônica “Espelho mágico”, pode-se constatar que a real intenção da autora é o autoconhecimento por parte de suas leitoras, a fim de se chegar ao entendimento de beleza e força interior. Para esta comunicação, Clarice Lispector utilizou justamente a referência sobre beleza externa, aparência e uma possível fórmula para chegar a beleza que se quer. Há que se perceber que esta estratégia é uma máscara utilizada para enviar, subjetivamente, a real mensagem ao leitor. Entretanto, tanto o contexto como os recursos estilísticos utilizados são, evidentemente, a forma encontrada para se aproximar de fato do público-alvo, ganhar sua confiança para, então, levar à reflexões absolutamente mais profundas e significativas.

5. Considerações Finais

Devido ao estilo de escrita de Clarice Lispector, é possível uma grande aproximação com o leitor, a partir de premissas básicas de recursos estilísticos, literários e até mesmo jornalísticos, referente às crônicas produzidas e publicadas no jornal *Correio da Manhã*, seção *Correio Feminino*.

No entrelaçamento sutil, interessante e profundo dos conceitos de Crônica e Jornalismo Literário, reside as principais atribuições desses textos para o envolvimento contínuo, sistemático e arraigado dos leitores.

A principal função lógica da abordagem do cotidiano, mais precisamente do universo feminino, por Clarice Lispector, tem por si só o objetivo de aprofundamento acerca do entendimento da subjetividade, por parte dos leitores, levando a uma reflexão estética relevante, mesmo que por meio de instrumentos e estruturas que, aparentemente, possuam superficialidade irrelevante.

É preciso estar atento ao visível do invível, por uma análise do discurso precisa e consistente, quando se fala de Clarice Lispector. Desta forma, é possível realmente aproveitar todos os ensejos e reais propósitos da autora, bem como desfrutar de sua rica e original literatura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Flávia Leme de. **Mulheres recipientes**: recorte poético do universo feminino nas artes visuais. 2. ed. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2010. 238 p.

CHARADEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**. 2. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2012. 249 p.

LISPECTOR, Clarice (Org.). **Correio feminino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. 158 p.

MOISÉS, Massaud (Org.). **A criação literária**: Poesia e prosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 2012. 73 p.

NEIVA, Érica Michelline Cavalcante. **A metalinguagem nas inquietações cronísticas de Clarice Lispector**. 2009. 74 p. Jornalismo Literário (Graduação em Comunicação Social. Jornalismo.)- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, 2009.